

## A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

**FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958**

**Março de 2024 - Nº 621**

**Diretores - Antonio Marcello da Silva (\*1931-) - Pascoal Andreta (\*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (\*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (\*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 - )**

## A IGREJINHA DE CANTARE

**JOSÉ  
ALAERCIO  
ZAMUNER**

A Igrejinha de Cantare ficava onde está, hoje, a movimentada praça central, na avenida Monte Sião. No tempo de formação, fora construída bem no centro para as orações do povo que tanto precisava... Tanto que ao passarem frente a Igrejinha, moradores entravam, oravam conversando com os Santos. E isso foi criando sedimentos, marcas, costumes familiares, até não moradores, de passagem por lá, paravam,

entravam, joelhos no chão, e falas, muitas, no ponto de uma reza. Tempo passando, hábitos gravados nas paredes, Santos respirando alma em vida sentindo cada alegria, cada necessidade do povo, um a um. Halos de mãos desciam afagos a todos. Muitos diziam que ouviam as vozes dos Santos, nas falas com eles, que diziam, na pura luz suave, ser corpo em luz ali, ao lado de cada um. Povoa-do cresceu assim... Com o tempo, vieram muitos outros moradores de tudo que era lugar e mo-

dos de crenças...

Aparece lá um certo dia uma súbita ordem para retirar a Igrejinha de lá, fazer uma praça no local, com bares e bancos para o povo, e a velha igrejinha ser transferida para um outro lugar, afastado do meio perigoso onde estava. E assim foi feito. Retirar do local... Como?... Contrataram pedreiros e máquinas para demolição.

Dava pena ver, povo local olhando, alguns convocados nesta empreitada, mas todos indignados, as máquinas

emperravam a todo momento, tossiam, ferviam nervos, “O Luca, vê essa máquina, aí, que tem que não vai?!” A cada telha-caibro-tijolo que caía um suspiro subia aos céus, junto com os olhares de pesares dos Santos. O Quim D’Nhé lascou um labrado de cachaça de raiva, raiva que dava, Dona Nega fez o Em Nome do Pai e gritou por socorro. Dona Nicola, Dona Maria do Vitorino, Rosa do Miro se plantaram na frente da Igrejinha e gritaram que “daqui eu não saio, me destrua junto!”. Oh

Anjos, Santos todos do Céu, por Jesus na cruz...: “Ave Maria...” Entoava Schubert o Coro da Igrejinha enquanto vinha ao chão. Triste foi aquela tarde, que nem eu nem ninguém consegue contar direitinho como foi. Porém, o dó maior foi quando a igrejinha veio total ao chão, Santos todos espalhados no desamparo entre escombros, o povo em queixas mil se põe a levá-los para o novo afastado lugar..., ..., o Zé da Toca quis gritar!! ..., ... Todo mundo que reconta essa estória, nesta hora, fica

com voz embargada, só de reviver isso tudo... Foram saindo do local ruínas de mãos dadas com os Santos, todos, todos num só estado... triste, tanto que o céu escureceu muito. Santos subindo a subida, dava pra ver, suas silhuetas sagradas de mãos dadas com o povo, em choro baixinho... O chão de asfalto umedeceu de lágrimas, indo subindo, todos, mãos dadas, Povo e os Santos, quase que para um possível exílio.

E foi assim, e qual quer um conta que assim que foi.

## CRÔNICAS DA MINHA GENTE RAFFAELLO

**IVAN**

Raffaello era meu avô, pai de minha mãe, Mercedes, marido de minha avó, Maria Luiza Tortelli, e genro de meu bisavô, Pellegrino, a quem curtia indiferença capaz de enraivecer o demônio, de tão profunda. Quase a mesma indiferença que curtia por meu pai Geraldo, desde quando se casou com minha mãe, como se a filha fosse viúva de marido que jamais existiu. Creio que, para meu avô, o casamento não foi o que idealizou para Mercedes, enquanto Geraldo não passava de defunto atrevido que ousara profanar a família Rielli.

Raffaello imigrou do norte da Itália – região de Carrara – para a Califórnia, Estados Unidos, em 1910, onde foi madeireiro durante três anos. Carta convincente de seu irmão Salvatore, que viera para Monte Sião, persuadiu-o a migrar mais uma vez e aqui viveu. Não se sabe se feliz, pois não cultivou o hábito milenar da comunicação. Teve êxito nos negócios até a morte da esposa, aos 33 anos, deixando-lhe cinco filhos, dentre eles, a mais velha, minha mãe, com doze anos e, a mais nova, a Tata Chele com dois, e que, portanto, não a conheceu como mãe, mas com uma imagem evanescente. A partir de então, o nonno Rafael gradativamente foi permitindo que a vida o aprisionasse ao desinteresse, liberando-o aos 79 anos, sem que se

lamentasse, sem pedidos, sem dar conselhos e recomendações, como se em seu caixão fosse colocado um bloco de mármore da sua Carrara. Penso que o nascimento de Raffaello em região tão inóspita, o trato com o machado e a serra na mocidade mais a solidão conjugal tão prematura forneceram-lhe a premonição do que aconteceria no futuro, fazendo-o parcimonioso em tudo: no falar, nos gestos, no andar, vestir, no comer e beber e até nos sentimentos.

Uma única vez presenciei Raffaello chorar. Sempre que chegava de férias ia vê-lo, apesar da carência do menor gesto de carinho voltado a mim. Ele me perguntava se eu havia me formado e, ao responder que ainda faltavam alguns anos, invariavelmente dizia: “Não tem mais fim” e me indicava sua casa com um sinal de cabeça, sugerindo para que fosse lá, ver a Tata que o assistiu durante toda sua vida. Quando, por fim, terminei meu curso, encontrei-me com ele subindo a ladeira da Praça. Tomei-lhe a bênção e, antes que me perguntasse, comuniquei-lhe haver terminado o curso e já poderia trabalhar. O nonno apenas ergueu o chapéu da cabeça, olhou não sei para o quê – mas era para cima. Assustado, reparei duas lágrimas escorrendo entre sua barba cerrada e por fazer. Não as enxugou, provavelmente para não truncar nele um sentimento tão

raro e que viera em boa hora. Ou, então, para não denunciar uma fraqueza inadmissível num italiano calejado. Indicou-me a casa com o queixo, retornou o chapéu à cabeça e partiu com suas lágrimas desfeitas no emaranhado da barba.

Raffaello jamais sorriu. Teria a vida perdido a graça? Seria o receio do futuro que a premonição antevira? Algumas vezes notei seus olhos se contraírem, parece que para frear o indesejável sorriso que ameaçava aflorar. Ficavam tão bonitos seus olhos azuis na contenção de sentimento puramente humano que, sem querer, e à revelia do nonno, mostravam bondade interior contida e estagnada.

A frase mais longa que dele ouvi aconteceu quando o presenteei com a garrafa de vinho mais bonita que encontrei – da qualidade, permaneço vergonhosamente ignorante. Ao saber do preço, balançou a cabeça, recriminando: “Por mim, poderia apodrecer na prateleira”. Minha mãe nem isso ouviu. Era apenas um “Deus te abençoe”, quando ela não tinha como dele se desviar e pedia, olhos no chão, a bênção. Com meu pai, menos que isso – quem sabe temia prejudicar Deus pedindo graças ao genro.

Dedicou ao meu bisavô Pellegrino, seu sogro, inimizado tão leal e franca que rejeitou dele herança a que tinha direito – “Amizade rejeitada mutuamente, herança re-

puída”.

Entretanto, na companhia dos três ou quatro amigos ouvia-se de meu avô alguns resmungos, que não eram maledicência, calúnia, difamação, deslealdade ou simplesmente intriga. Taciturno, Rafael jamais falou de alguém – bem ou mal.

Que eu saiba, meu avô teve apenas um inimigo em quem cravou ódio tão absoluto e devastador que não precisou de acessórios nem sinônimos. Ele se recusava a passar pela rua onde morava “aquele”, detestava seus filhos inocentes, a mulher prestimosa, os empregados, a casa, a cor da casa, a porta da casa, o telhado e, creio, até o oratório da casa onde eram guardados os santos. Antes de morrer, na agonia, seu desafeto suplicou a presença de todos os que tiveram com ele qualquer briga ou o menor desentendimento. Caridosamente atenderam ao último pedido do moribundo. Todos, menos Raffaello.

Às vezes, imagino a postura de meu avô ao saber dos pedidos de seu inimigo doente e vejo seus olhos se apertarem para conter o sorriso que vingasse; e, com imenso desdém, tomar do canivete e calmamente partir vagando, picando o fumo e pitando a fumaça da desforra e do alívio.

Somente hoje, envelhecido, posso avaliar o brio que norteou a vida de Raffaello, a parcimônia das atitudes, a síntese dos gestos, a economia do palavreado, de tudo o que definiu a conduta íntegra de um homem profundamente equilibrado, honesto até não mais poder.

Creio dele não haver recebido uma gota sequer de seu sangue, pois não tenho, como ele, a capacidade de odiar abertamente, em decorrência de

fraqueza minha ou hipocrisia, talvez, ou mesmo temor em assumir atitude tão corajosa. Se tentasse odiar, tenho certeza que não saberia exercitar o ódio. Ao contrário do nonno sei sorrir. Por outro lado, sofro do mal da incontinência das lágrimas. Qualquer viola sem cordas me aciona os olhos e as lágrimas vertem, só que para dentro de mim. É fácil. Basta um pouco de treino e, como eu, você será tomado por um “durão. Sei que, se Raffaello houvesse deixado para mim sua índole de mármore de Carrara, o cerne da madeira da Califórnia e a pancada da morte da esposa, a alma me seria pesada, forçando-me a arrastá-la para além desta vida fera e medonha. Eu não teria a mesma força de Raphaello. Em compensação, não teria cometido erros banais ou tomado atitudes descabidas, virtudes que ele poderia ter me legado de suas veias honradas.

Toda vez que pronun-

cio “Raffaello Rielli”, o som dos nomes dá-me a impressão de haver colidido-me com uma pilastra de mármore e que os erres iniciais, rugosos, rígidos, rascantes se esfregam à maneira de duas mãos, triturando as agruras da vida. Então, eu compreendo que não era possível ser meigo, quando o próprio nome conspira contra e a vida se encolhe, avara. Pelo menos fosse Rafael, mais brando, tudo seria melhor. Mas eu admiro mesmo é Raffaello, os efes duplicados para reforçar a carga do nome, o É aberto, rugindo e o estrondo dos dois LL abalroando o Ó. Tenho orgulho do Raffaello. Até do ódio isolado que cultivou. Quem me dera ter saído pelo nonno. Quem me dera! Quem me dera ter puxado a ele.

*Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020*

## EMMA GOLDMAN



Pelo dito e erudito  
O Anarquismo esclareceu  
Horrorosa é a ignorância  
Uma escuridão que dá medo

**BOB**

## MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 65

ISMAEL RIELI

Quantas Tribulações!

Deixando de banda suas convicções políticas, sua visão de mundo, que vida intensa, atribulada, peripatética, patética, nômade teve Lev Davidovitch Bronstein, imortalizado como Trotsky nos seus 60 anos de existência (1879-1940).

Peça chave na derrubada do Czarismo com a deposição de Nicolau II, com muitos artigos, muitos discursos, muitas reuniões, mobilizou multidões, camponeses, operários, juventude para a implantação do comunismo na Rússia. Preso inúmeras vezes, escapou da Sibéria duas vezes, percorrendo léguas e léguas no gelo. Foi preso pelo Czarismo, quando jovem e pelo próprio governo que ajudou a implantar. Com a primeira esposa Alexandra teve duas filhas; com Natalya Sedova, sua companheira fiel por 38 anos, dois filhos, ambos assassinados a mando de Stálin.

Esteve exilado na Turquia, na França, na Noruega e no México onde chegou pelas mãos do pintor Diego Rivera, marido de Frida Kahlo com quem Trotsky teve um breve romance com conhecimento e consentimento de Diego e Natalya.

Insinuando-se como admirador e partidário dos mesmos ideais, o espanhol Ramon Mercader, conquistou a simpatia e o coração da americana Silvia Agelof amiga da família e assídua frequentadora da casa da Av Viena, em Coyvacan, muito bem vigiada dia e noite. Mercader, designado para eliminar Trotsky teve um primeiro encontro com ele, a pretexto de apresentar-lhe um artigo que escrevera.

No segundo encontro, com uma espécie de marreta de quebrar gelo (não era uma picareta, como se propala) escondida num casaco que trazia dobrado no braço, desferiu violento golpe na cabeça do grande líder revolucionário, que não morreu na hora, foi pro hospital, mas as brechas eram muito profundas e ele não resistiu. Conforme seu de-

sejo, cremado, suas cinzas, numa urna, estão enterradas no jardim de sua casa em Coyacam no México, para onde 22 anos depois em 1962 vieram as cinzas da fiel companheira de ideal Natalya Sedova.

ANASTACIA

A família imperial vivia confinada em Ekaterinburg, nos Montes Urais, para onde fora enviada pelo governo provisório, que, então, preocupava-se com a segurança dos Romanov. Em 16 de julho de 1918, Nicolau II, a Czarina Alexandra, o filho de 14 anos e as quatro filhas foram trancados em um celeiro e metralhados por tropas dos bolcheviques. Essa execução chocou profundamente a opinião pública mundial. (Dez anos mais tarde, uma mulher chamada Anastasia Tschaikovsky apresentou-se como sendo a filha mais moça do Czar, a Grã Duquesa Anastasia, que teria sido salva por um grupo de soldados pouco depois do massacre de sua família. A história que contou, embora tenha servido de tema para romances, peças de teatro e filme, jamais pode ser confirmada.)

O Lobo perde o pelo mas não perde o vício.

A longínqua, gélida, inóspita Sibéria, continua o destino dos desafetos, dos opositores do todo poderoso ditador Putin.

Depois de recuperar-se, na Alemanha, com um tratamento contra o envenenamento de que foi vítima, o principal adversário e forte candidato à presidência Russa Alexei Navalny acaba de morrer no degredo a que foi condenado a 30 anos na distante Sibéria. Esse é o Putin: o eliminador inclemente dos que lhe possam fazer frente, o invasor, sem motivo, da Ucrânia, o candidato que sempre vence eleições espúrias.

X X X

A Lógica do Caipira  
Perder-perdeu, ler-leu, vender-vendeu, meter-meteu, comprometer-comprometeu, reverter-reverteu, sorveteter-sorveteu, intrometer-intrometeu, permanecer-permaneceu,

entristecer-entristeceu, enrubeceu-enrubeceu, emagrecer-emagreceu, empobrecer-empobreceu.

Por que não? Caber-ca-beu!!!

Peculiaridade das Línguas

Quando iniciei minha carreira de professor, na década de 60, o inglês ainda não tinha matado o francês nos nossos currículos escolares. Ensinava-se francês da 1ª à 4ª séries ginasiais. Uma pena que se tenha sacrificado uma língua de tão pujante literatura.

Dommage! Como eu me formara em letras neolatinas, lecionei francês na Vila Medeiros, Zona Norte de São Paulo e meus cândidos alunos, com rostos angelicais, na primeira aula perguntavam: professor, como se diz peçoço em francês? Por que aquela curiosidade?

Alvarenga e Ranchinho na moda das línguas explicam:

“Uma gravata esquisita  
Um certo francês me deu  
Perguntei onde botar  
Ele então me arrespondeu  
Mas num gostei da res-

posta  
Isso é que não faço eu  
Seu francês mal educado  
Ponha a gravata no seu”  
Na mesma toada eles abordam também as esquisitices dos italianos:

“Na Itália eu vi dizer  
E não sei por que razão  
Que manteiga lá é burro  
Se passa burro no pão  
Desse jeito pra mim che-

ga  
Viva nós lá do sertão  
Onde manteiga é mantei-

ga  
Nós não come burro,  
não”

X X X  
HÁ 150 ANOS CHEGRAM NOSSOS ATEPASADOS

A bordo do veleiro La Sofia zarpando de Gênova, aos 17 de fevereiro de 1874 desembarcaram no Porto de Vitória os primeiros 400 imigrantes italianos.

A partida  
Em 3 de janeiro de 1874, cerca de 400 italianos deixam o porto de Gênova no barco a vela “La Sofia”, rumo ao Espírito Santo.

Quem eram

O grupo era formado por camponeses do norte da Itália, muitos acompanhados das famílias, além de um padre, um médico e um italiano que já morava no Brasil e que tinha ido busca-los.

Origens

Alguns tinham passaporte italiano ou Vêneto, e a maioria tinha documento Austríaco do Trentino-Alto Adige- eram de cultura italiana, mas a região integrava à época o Império Austro-Húngaro.

Os motivos

Pietro Tabacchi, que vivia no Brasil desde os anos 1850, recebeu autorização do governo imperial para trazer mão de obra para cultivar café. Os camponeses decidiram vir em busca de melhores condições de vida.

A viagem

Após 45 dias, o “La Sofia” chega ao porto de Vitória, em 17 de fevereiro de 1874, e fica atracado até dia 21, quando o grupo desembarcou. Desde 2008, a data é celebrada como o dia nacional do imigrante italiano.

Chegada

Em março, o grupo inicia a ida para a propriedade de Pietro Tabacchi, a Colônia Nova Trento hoje a cidade de Aracruz. A área de cultivo de café ficava, no entanto, horas distante em mata fechada.

X X X

A seguir um sucedido narrado pelo patusco José Cândido de Carvalho, no seu delicioso livro de acontecimentos esquisitos do norte do estado do Rio. Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon.

Duvida que Atormenta

O SUJEITINHO chegou em Xerxéu de São Mateus na justa hora em que cruzava o céu, bem por cima da igreja de santo Antônio, uma coisa prateada que soltava fumaça de azuladas cores. Chegou, não deu nome, não disse ao que vinha nem ao que não vinha. Era muito baixo e despesçoçado. Em pronto instante a cabeça do aparelho sumia nas saboneteiras dos ombros.  
Aruiha de Melo, que preparava

cigarrinho de palha na porta do bilhar Taco de Ouro, foi logo verrumando o ouvido de Lacavinha Pereira com esta suspeita:

- Capaz que esse sujeitinho é parido da barriga do disco-voador que passou zunindo por cima da praça da aclamação.

Lacavinha, com essa dúvida no buraco da orelha, correu pra pedir providências ao major Lagartinho Reis, que coçava, no alpendre de sua casa da Rua do Rosário, um bicho de pé da maior estimação:

- Major, tem suspeitante na praça.

Posto a par do acontecido, sem deixar de amamentar a comichão do bicho de pé, o major deliberou:

- Pode ser muita coisa e pode ser coisa nada. Por via das incertezas a gente vai furar o cano dele a poder de caçetadas. Se o bicho espiarrar papel com as devidas carimbagens, é fiscal do governo em viagem de multa. Ai a gente reforça a gurgumba com um par de tiros de maneira e modo a mandar dizer para as autoridades da nação que o povo de Xerxéu de São Mateus sucumbiu um ano de disco-voador tão sem vergonha que nem peçoço tinha.

E foi assim que mataram o novo juiz de direito da jurisdição de Xerxéu de São Mateus.

X X X

Trupicou, tropicou ou tropeçou

Todo pimpão topei com meu nome lembrado pelo confrade Durval Tavares da saga Rey Quexoto na nossa edição nº620.

Em seus escritos o dadadinho salpica um pouco das línguas de Dante e de Shakespeare. “a ultima flor do lácio, inculta e bela” de Camões é uma língua rica e bonita, com uma sinonímia exuberante. Temos as palavras sincréticas que admitem mais de uma grafia: loiro-louro, assobiar-assoviar, coisa-cousa.

Aurélio, Silveira Bueno e Cegala, registram em seus dicionários tropeçar e tropicar e o Caldas Aulete registra também trupicar. Portan-

to está tudo certo.

Se Guimarães Rosa pode inventar palavras, nós, escribas deste eclético mensário, também somos useiros e vezeiros em neologismos ou como coletou mestre Ivan, escrevemos num português montessionês.

Para justificar o título de nossas garatujas, que virou um verdadeiro sarapatel com assuntos aleatórios e desconexos, respeitosa e desconfiada, lembramos a Durval que ele se esqueceu de um H, no penúltimo parágrafo do Rey Quexoto “Sr Parmiro e Dona Ema A (HÁ) bem pouco tinham partido desta para tocarem em outra esfera”.

Passado HÁ, futuro A. saiu daqui HA (faz) pouco; volta daqui A pouco.

X X X

Ditados Populares

O adeus é o fim da esperança e o começo da saudade.

O amor é como o sarampo: todo mundo tem que passar por ele.

O boi é que sofre; o carro é que geme.

O homem propõe e Deus dispõe.

O melhor da festa é esperar por ela.

O pão do pobre só cai com a manteiga pra baixo.

O pé do dono aduba o terreno.

O que dá mais no sertão é menino e jerimum.

Paciência é o nome duma vaca velha.

Padre mouco não confessa.

Pai fazendeiro, filho cavalheiro, neto sapateiro.

Paixão, febre e tosse: ninguém esconde.

Palmatória quebra dedo, mas não quebra opinião.

Panela em que muito se mexe, desanda.

Pra quem tem cavalo esperto, toda lonjura é perto.

Pra amigo urso, abraço de tamanduá.

Pra enganar um mineiro, só outro mineiro.

Para galo velho, poleiro baixo.

Pense rápido fale devagar.

Plante amor e colha saudade.

Pobre com rica casado, mais que marido, é criado.

## UM LUGAR PARA CADA ESPÉCIE E CADA ESPÉCIE NO SEU LUGAR

LEONARDO LABEGALINI

Já estava quase completando um mês desde a última conversa com o Líder Inspirador. Na ocasião, co-

meçaram a conversar sobre o desafio de como transformar a cultura de uma empresa: de familiar em profissional. Identificaram alguns “óbvios” que precisavam ser ditos e Téo ques-

tionou o L.I sobre “qual era o óbvio na hora de montar equipe?”. Ele não pôde responder naquela tarde, devido aos seus compromissos pessoais, mas também não esqueceu que no encontro seguinte, teria uma grande questão pela frente.

- Você não imagina o quanto eu estou entusiasmado para essa conversa de hoje – disse Téo arrastando as cadeiras da cafeteria para ele e o Líder Inspirador sentarem.

- Eu não me esqueci da sua pergunta, tá!? Deixei anotado na minha agenda de bolso que carrego comigo para anotar as ideias que aparecem no dia a dia.

- Ah, que bom! Então acredito que temos bastante assunto pela frente.

- É... parece que sim!  
De repente, o L.I paralisou e silenciou-se olhando a paisagem a sua frente, o que causou certo estranhamento em Téo, que não sabia o que fazer.

- Téo – quebrou o silêncio o L.I, apontando para longe – olha só que inte-

ressante aquela montanha. Quantas plantações você enxerga ali?

- Sinceramente, eu não entendo muito de agricultura, senhor. Mas, é notável que existem no mínimo três diferentes plantações ali.

- Eu também enxergo isso, Téo. Aquela propriedade é do Toninho, meu colega de infância. Ele adora a roça e vive da agricultura hoje em dia. É engraçado olharmos de longe assim e vermos como que três diferentes plantações prosperam na mesma propriedade. Por acaso, você tem ideia, Téo?

Por alguns segundos, o silêncio foi a resposta. A única coisa que Téo pensava era na resposta à sua pergunta, que até então, nem sinal. Téo gaguejou, olhou para cima buscando lembrar de alguma informação que pudesse lhe ajudar, mas nada.

- Senhor, não faço ideia! – disse Téo com um tom meio “seco” querendo dizer “Isso nem me interessa. Vamos é falar das minhas dú-

vidas!”

Mal sabia ele que estava diante da sua reposta, mas devido sua pressa, aquela sensação de “enrolação” o tomava conta. Foi então que o Líder Inspirador começou.

- Pois bem, Téo. Conversei com Toninho sobre isso e descobri que, se na mesma propriedade você quiser ter diferentes plantações, precisará preparar cada terreno de uma forma. O adubo, a irrigação e disposição das mudas, é diferente para cada espécie. Se quiser plantar café na terra que preparou para plantar jaboticaba, você imagina o que vai acontecer não é!?

- Mas isso parece óbvio, não!? – respondeu Téo.

- Sim! E essa é a resposta para sua pergunta.

Téo parou, arregalou os olhos, começou a pensar e logo disse:

- Então você está me dizendo que o óbvio na hora de montar equipe é saber que existe um terreno para cada espécie e cada espécie precisa estar no seu lugar!?

- Exatamente Téo! Cada terreno (setor de uma empresa) requer uma espécie (pessoa) adequada àquelas funções que serão exigidas ali.

- E se eu colocar uma espécie em um terreno que não está preparado para ela?

- As espécies podem até crescer e dar frutos, mas não será por muito tempo. Além disso, o esforço que farão será muitas vezes maior. Não será natural e saudável.

- Entendi, senhor! Então, para resumir, na hora de montar equipe eu identifico o setor, identifico qual seria a pessoa adequada às funções que são exigidas ali e busco encontrar o encaixe perfeito.

- É isso!

- E como eu sei qual seria a pessoa adequada?

O Líder Inspirador deu um largo sorriso. Nesse momento o garçom chegou com o lanche e eles combinaram de continuar a conversa no próximo encontro, afinal, a fome estava grande.

### EU COMIGO

Deleito-me aonde me levo

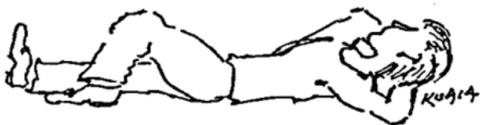
Ali, me aquieto

Comungo virtudes

Renego pecados

Ajoelho-me e me perdoo

Tchau!



Popo de Sião

**MECÂNICA NETOS**  
nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772  
Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha)  
Monte Sião - MG CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar  
Engº Mecânico Automotivístico

**DELTA FOTO**  
PAPELARIA  
Mania de vender mais barato!!!

Material Escolar e para Escritório  
Suplementos para Informática  
Cartuchos compatíveis e remanufaturados  
Fotos 3 X 4 na hora  
A MELHOR E MAIS BARATA  
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

**35 3465-3124**  
Av. das Fontes, 136-C-Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

**RESTAURANTE DA LICINHA**  
Espaço para 250 pessoas  
Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

## ESCOLA, A DIFERENÇA NA SOCIEDADE

CELINA  
DORTA MACHADO

A escola “Dom Otávio Chagas” é histórica. Uma história que se iniciou no mais remoto passado e cujas primeiras instalações datam do dia 21 de março de 1907, sendo sua primeira professora Dona Capitolina de Almeida e o primeiro inspetor escolar Sr. Cap. João Pereira Batista, tendo sido matriculadas 53 meninas.

Em 16 de julho de 1946 recebeu a denominação especial de Grupo Escolar “Dom Otávio Chagas”.

No ano de 1966 passou a funcionar no atual estabelecimento situado na Rua Minas Gerais, 417, recebendo a classificação tipológica de Escola Estadual “Dom Otávio Chagas”, onde ofereceu os ensinamentos pré-escolar e fundamental sob a direção

de Mafalda Zucato Pocai até 1984.

A partir de 1986, a Instituição passou por várias ampliações para atender à demanda crescente de alunos. Diversas diretoras se empenharam, cada uma a seu tempo, e deixaram seu legado de obras, dedicação e história na transformação do espaço escolar.

A escola deixou de ser estadual a partir de 2016, paralisando suas atividades como entidade do governo de Minas Gerais. Porém, a Secretaria de Estado de Educação autorizou o uso das dependências do imóvel pelo município de Monte Sião, com base no Convênio de Mútua Cooperação.

Atualmente oferece o Ensino Fundamental I no período vespertino com as turmas de 4º e 5º anos e o Fundamental II no período

matutino, com as turmas de 6º ano, totalizando 406 crianças.

Em sua parte administrativa, a escola conta com equipes de direção e supervisão, sendo sua atual diretora a professora Deborah Cristina Ribeiro do Nascimento e vice-diretora, a professora Rita Cilene Paulino. Nos cargos de supervisão, Dileiza Bueno de Paiva atua no período matutino e o período vespertino fica a cargo da supervisora Marcela Pereira Nucci. Trabalho de dedicação, empenho e comprometimento em favor da Escola.

Algo muito especial que ocorre dentro do nosso espaço escolar e que deve ser exaltado são os nossos atendimentos especializados. Quando necessário, todas as crianças recebem, com a devida atenção e carinho, aten-

dimento individualizado psicológico, psicopedagógico e de assistência social através de profissionais capacitados.

A escola vem fazendo seu trabalho com uma equipe direcionada a levar conhecimento, interação, respeito às normas e regras de convivência em meio às transformações mais redundantes e contrastantes de nossa sociedade, cientes de que família e escola são a única fórmula de uma sociedade dar certo. Tudo isso é essencial para continuarmos com nosso trabalho de forma ativa, criativa, coerente e determinante para que façamos a diferença em qualquer espaço e tempo em que possamos estar.

Esse é o compromisso e o comprometimento de nossa escola, a amada “Dom Otávio Chagas”.

## 66 ANOS DO JORNAL MONTE SIÃO

Um jornal jamais envelhece  
Pois dia a dia ele cresce  
Com suas publicações  
São temas dos mais variados  
Por cronistas assinados  
Que nos deixam em divagações

Cada edição publicada  
Sua leitura é esperada  
Como a saber das novidades  
E a cada colaborador  
Que dedica seu labor  
Enobrece a nossa publicidade

E lembrar daquele mês de janeiro  
Em 1958 quando seu número primeiro  
Tão aguardado começou a circular  
E com os anos passando  
Ele continuou circulando  
E agora 66 anos a comemorar

Sua caminhada foi tão grande  
Que a nossa alegria se expande  
A cada edição publicada  
Nem vemos chegar a hora  
Quando ao romper da aurora  
Sua impressão está finalizada

E quando podemos lembrar de seu fundador  
Doutor Antônio homem sem destemor  
Resolveu o Monte Sião fundar  
Tendo ao seu lado bons companheiros  
Que fizeram deste pedaço de chão mineiro  
Um periódico a circular

E hoje o jornal Monte Sião  
Tanto orgulha este torrão  
Que nos deixa lisonjeados  
E seus dedicados colaboradores  
Se desdobram com ardores  
Por ver seus textos publicados

Arlindo Bellini

## DUAS FORÇAS QUE GOVERNAM TUDO

DANILO  
ZUCATO ROBERT

Na Grécia Antiga vivia um filósofo contemporâneo a Sócrates chamado Empédocles. Considerado um filósofo pluralista, ele acreditava que tudo era formado por quatro elementos: fogo, água, terra e ar. A união destes 4 elementos, em proporções diferentes, seria a gênese de tudo o que há. Segundo seu pensamento, estes elementos eram eternos e indestrutíveis, e todas as mudanças e transformações no mundo eram o resultado da combinação e separação desses elementos.

Pensando sobre o Cosmos (tudo o que há), Empédocles propôs um “Ciclo Cósmico”, que seria

um ciclo eterno de criação e destruição no universo, no qual os elementos se misturavam e se separavam repetidamente. Esse ciclo explicaria a origem e a evolução do mundo, assim como a natureza cíclica dos eventos naturais. Mas, afinal por que tudo se integra e depois desintegra, e depois volta a se integrar?

Segundo Empédocles, as forças causadoras de todo os fenômenos de agregação e desagregação, união e separação, seriam o Amor e o Ódio. Uma teoria ousada para um mundo que havia colocado os mitos em segundo plano, para dar enfoque à razão como ferramenta que explicaria tudo.

Ao meu ver, é poe-

ticamente bonito colocar Amor e Ódio como os protagonistas de todos os fenômenos existentes, o que foi bem resumido em dois dos sete princípios herméticos, tradicionalmente associados a Hermes Trismegisto, um suposto sábio do Antigo Egito: “Tudo é dual; tudo tem polos; tudo tem seu par de opostos” e “Tudo tem fluxo e refluxo; tudo tem suas marés (...)”.

Podemos observar que um filósofo grego praticamente chegou à mesma ideia de um sábio egípcio, bem mais antigo que o primeiro. Indo além, encontramos no Taoísmo o Yin e Yang, que representam duas energias complementares e opostas que formam tudo o que existe. Nesta simbo-

logia, o Yin e Yang nunca são estáticos, estando em um constante estado de mudança e transformação. E o mais interessante: O equilíbrio entre Yin e Yang é essencial para a harmonia e o funcionamento adequado do universo.

Em suma, o pêndulo hermético do fluxo e refluxo, que ora é Yin, ora Yang, é ora Amor, ora Ódio: poderosas forças, totalmente opostas, mas essenciais para o funcionamento e equilíbrio de tudo o que há. Nisso tudo, há uma mensagem que o ser humano sabe de forma inata, mas os véus do cotidiano o fazem esquecer: o amor une, e o ódio separa. Simples, verdadeiro, imutável, eterno, universal e essencial.

## A DURA JORNADA DE ACESSO AO MERCADO DE TRABALHO: INICIA-SE UM PROCESSO DE MENTORIA E O FAVORECIDO COMEÇA A CRESCER (1)

L. A. GENGHINI

Meu grupo familiar vem acompanhando de perto o desenvolvimento da jovem engenheira de alimentos, Bianca Genghini Cândido, filha da professora e pedagoga Magali Genghini, herdeira da quinta geração de Giovanni Battista Genghini que em 1896 emigrou de Rimini, na Itália, com destino a Monte Sião

A organização das Genghinadas, cuja X edição será realizada em Socorro, SP, no último domingo de julho de 2024, nos aproximou de parentes distantes, gente que nem sabíamos da existência.

Uma das pessoas que tivemos a grata satisfação de conhecer, então com uns 15 anos de idade e cursando o Técnico Agrícola em Inconfidentes, foi a Bianca Genghini, que depois veio a cursar na mesma instituição a faculdade de Engenharia de Alimentos.

Fizemos da Bianca a nossa protegida e em diversas ocasiões pudemos ajudar materialmente algumas vezes e com aconselhamento outras vezes, influenciados sempre pela ação da professora D. Ivanir Comuni Bernardi, a nossa madrinha e mentora.

Concluído o curso de Engenharia a Bianca lançou-se

ao mercado de trabalho e, então, encontrou a mais difícil barreira para ingressar no mercado de trabalho, o acesso às oportunidades, em geral escassas, que demanda uma série de elementos, como a identificação, a aproximação, a concorrência e a contratação, todos elementos distantes do aluno recém formado, porque na escola o aluno assume uma postura passiva de receber orientações e de executá-las. Porém, as habilidades proativas de negociação e acesso à oportunidade raramente são desenvolvidas no ambiente acadêmico, e mesmo que o sejam, os processos são bastante dissociados da realidade.

Eis, então, a Bianca enfrentando seus demônios... diploma na mão, sem rumo, sem oportunidades e já descambiando para uma profissão corriqueira, não menos valorizada, cujo exercício não demanda a formação em nível superior em universidade de primeira linha.

Foi durante esta jornada árdua que a Bianca conheceu um empresário paulista e colaborador do Monte Sião, Yoshiharu Endo. Endo, sujeito sensível, conhecedor profundo do ser humano, encançou-se pela Bianca e propôs que deveríamos ajudá-la na sua difícil tarefa de ingressar no mercado de trabalho.

Iniciamos a fase de preparo de currículo, levantamento de oportunidades, indicações etc e tal. Num desses lances, lembrei-me de um velho amigo com que tive a honra de trabalhar no início dos anos 2000, o empresário indiano, radicado no Brasil, Hareesh Pritandas Mohanani, cuja organização e família se dedicam à produção e exportação de frutas tropicais, sendo a sua empresa a Brasfruit Importação e Exportação Ltda., que mantém em sociedade com sua gentil esposa D. Mina e seus filhos Amrit e Avinash, muito respeitada e acolhida no mercado europeu, o que a faz uma das maiores exportadoras de frutas tropicais do Brasil.

Abordamos o amigo Hareesh e ele, prontamente, se dispôs a conhecer a Bianca Genghini e a entrevistá-la, fato que aconteceu principalmente com a participação dos filhos e sócios. Detalhes resolvidos, a Bianca recebe sua primeira oportunidade e sua mudança para Avaré é iniciada. Começar vida nova, independente, longe do aconchego de casa e do carinho da mãe, desafiada a transformar todo o conhecimento obtido nos bancos universitários em ações práticas a fim de se enquadrar e cumprir rigorosas normas internacionais impostas à exportação de frutas, a se

adaptar no ambiente competitivo de trabalho, conviver e se tornar produtiva, receber missões e metas e entregar resultados, buscar os melhores meios a fim de simplificar processos sem comprometer a qualidade, trabalhar em grupo, em equipe, em time e saber desenvolver soluções e compartilhar os resultados. Respeitar e se comprometer com a empresa porque o empreendedor que se arrisca a produzir e a gerar empregos no Brasil atual é um herói, um persistente, um solitário.

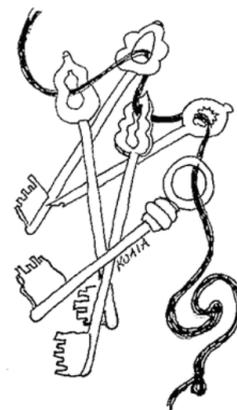
Assim, quando a Bianca embarcava para Avaré, numa sessão de mentoria (aconselhamento) desenvolvemos uma relação de ações, sobre as quais ela deverá estar sempre atenta e colocando-as em prática. Eis a lista: 1- Castelo; 2- Energia; 3-Dinheiro; 4-PODC, PDCA e processos; 5- Aprendizagem e inovação; 6- Qualidade, Ação corretiva, Ação preventiva, e melhoria contínua; 7- Foco, propósito e alinhamento com a organização e o mercado; 8-Fidelidade; 9- Honestidade e ética; 10- Senso de utilidade, realização. O detalhamento de cada um dos itens é assunto para outra edição.

Que Deus abençoe a Bianca, a Brasfruit, seus implementadores e a exportação de frutas brasileiras.

Até qualquer hora, pessoal!

## CHAVES

JOSÉ  
CARLOS GROSSI



Com os anos os meus cofres foram devassados, minhas portas abertas, minhas janelas escancaradas e minhas gaiolas reviradas ao avesso para que os pássaros se tornassem mais livres que meus pensamentos.

E o amor que tive e achava que seria eterno enquanto durasse, pouco durou. E tantos outros que também pensei se tornariam eternos. Talvez seja esse último que permanecerá eterno.

Meus amigos se espalharam pelos ventos e meus filhos caminham pelo destino dos sonhos.

Meu pai e minha mãe levaram partes de mim e fiquei sozinho, num banco de jardim, olhando demoradamente o molho de chaves que não sei para que, verdadeiramente, servem.

Com certeza haveria uma delicada e aromática utilidade se fosse um molho de tomates, mas um molho de chaves se tornou um lamentável engano.

Pois hoje sei, e isso verdadeiramente importa e me completa, é que quando volto para casa a porta sempre está aberta.

Por que carrego tantas chaves se nem sei para que servem e onde estão as fechaduras e os cadeados que possam ocultar algum tesouro?

Guardar o quê, se o que tenho de meu é indiscutivelmente abstrato e perfeitamente efêmero?

Nada em mim terá a duração de um segredo e muito menos para ser desvendado em silêncio.

O fato é que olho para o tilintar do molho de chaves e não sei para que necessariamente servem ou serviram num passado que o tempo apagou definitivamente.

**SUPERMERCADO SHIMODA**  
Onde seu dinheiro compra mais  
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300  
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175  
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes  
**Oliveira**  
A melhor carne da região!  
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000  
(35) 3465 1817 / 3465 2109

**MAZA**  
ALINHAMENTO E  
BALANCEAMENTO DE RODAS,  
ESCAPAMENTOS,  
AMORTECEDORES, BATERIAS  
**PNEUS**  
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38  
(ANTIGO MATADOURO) **3465-5463**

## DITO PEREIRA

alimento o mundo  
com poesias  
dizia

do pão  
fazia orações  
de cachaça  
se benzia



e gritava na praça  
versos ao amor  
que não tinha

Dito Pereira morreu  
na manhã de uma calçada  
de chuva farta e fria

e a enxurrada lhe levou  
tudo que não havia

kuaia

## REY QUEXOTO – “CHITARRA CHE NON SUONA”

DURVAL TAVARES

Ciao.

Quexotinho, um projeto de rei, o “r.q.” minúsculo, ganhou de sua vovó, com muito carinho, um pequeno violão. Vejam o que, já um tanto crescidinho, mas ainda novinho, R.Q., do seu jeito, descreveu a respeito:

“Chitarra che non suona, Violão que não toca”

“E a vovó me deu um violão de presente. Grande p’ro meu tamanho, pequeno p’ra muita gente. De cor azul mais forte do que o azul do céu.

Seis cordas foi o que contei, pelo menos achei que eram seis. Nem sei se contei direito ou se algum número pulei. No começo contei sete, mas como diziam que sete era número de mentiroso, concordei com o seis. Quando recebi o violão conhecia sua cor e começava a contar de um a dez. Sabia contar, porque brincava com meus primos e amigos de esconde-esconde e lá me via obrigado

a bater cara e a contar até dez. Quase sempre, propositalmente, um número eu pulava. Sempre gostei de pular. Hoje aprendi a contar bem direito e sei que eram seis cordas mesmo.

O violão ficou largado num canto p’ra espanto e desencanto de muitos. Era impossível tocar e não consigo imaginar se a vovó queria mesmo que eu o tocasse. Que loucura! De vez em quando eu arranhava suas cordas e ouvia alguma coisa que não podia descrever como música. A galinha pintadinha não era, os saltimbancos nem pensar, pois dessa só o miado do gato eu sabia imitar (miaaaaa!). Talvez fosse alguma coisa parecida com a Fazenda do Seu Lobato, pois o som parecia sair do bico de um pato. Por falar em pato, também não era a cantoria que dizia: “o pato pateta pintou o caneco, surrou a galinha, bateu no marreco, pulou do poleiro no pé do cavalo, levou um coice, criou um galo”. Essa me deu saudade do galinho

Bico de Vinil.

De todo modo, ainda que o barulho incomodasse nunca era demais por mais que no violão eu tocasse. Ah! Se fosse uma guitarra elétrica! Uma bateria!

Será que vovó imaginava que eu fosse um gênio precoce da música e conseguisse tirar algum som daquele violão? Nonna Ema e nonno Parmiro bem que gostariam de ouvir e ver eu tocar, por exemplo, o Menino da Porteira. Só podiam estar de brincadeira! Sentiam saudade dos tempos de Ouro Fino. Daquele violão não saia nada, nem mesmo quando o nonno iniciava alguns acordes com sua flauta. Sinto falta daquele som do nonno Parmiro! Com isso, porteira fechada!

Como eu poderia tirar algum bom som em bom tom daquele violom, se brincar com carrinhos, animazinhos, bola e o pião, era o que eu queria? Sem falar, claro, nas idas ao Zoo, lógico. Desenhos animados, então, nem te

conto. Ali, sem qualquer sombra de dúvida, eu simplesmente trocaria (não tocaria) o violão que não toca por um saco cheio de pipoca (eu sei que o certo seria “pipocas”, mas aí perderia a rima). Melhor, ainda, seria dar pipocas aos macacos, sem DÓ no SOL, o que LÁ MI FAZIA feliz.

Davvero, tocar violão não era um deleite para um menino ainda com algum dente de leite. Me recuso, depois do que contei, a falar do cavaquinho que do nonno ganhei. O cavaquinho, é pequeno por natureza, mas tocar o danado é coisa pra gente grande. Nem com o manual do Garoto!

Para finalizar, a verdade é que o violão guardei tão bem guardado que, quando dele me lembrei, o procurei e cadê?. O cavaquinho teve um destino talvez bem melhor, porque, pelo que se soube, foi parar em boas mãos.”

Ciao.

## TU FIXARÁS OS LIMITES DE TI

MATHEUS ZUCATO

“Quando soar o chifre de carneiro, então subirão à montanha.”

Ex 19.13.

Podia sentir o ar frio do campo dissipar o meu verão. Podia ver o caminhar de lentidão que seguia o trecho desconhecido: resolvi andar por aí, me exercitar, tomar um pouco de ar fresco. Não é o que dizem que faz bem? Resolvi deixar o asfalto de memória mormacenta e ultrapassar o ponto que mamãe proibia ultrapassar, na infância, quando falava que depois dali era perigoso, onde começava a estrada de terra. Acontece que o perigo sempre nos atrai, e só não nos arriscamos muito por conta do medo da morte que ganhamos quando adultos, mas não perdemos a curiosidade atrevida do desenrolar do perigo.

Cantem todos os poetas do mundo: mamãe estava certa. A princípio, o caminho de terra era nada mais que isso. Um pouco de barro ornamentava os buracos, enquanto o resto da terra já

seca exibia as rugas do trajeto. Conforme envelhecemos, todas as surpresas do mundo parecem já ter sido vistas, e perdemos a capacidade de saboreá-las como algo novo. Andava há bastante tempo, quando decidi tirar alguns minutos sob a sombra de uma mangueira, e foi quando o violino vibrou a corda aguda: um serzinho pestilento beliscou-me a carne. Acostumado com a embriaguez do álcool, com os caminhos para casa decorados todos, acreditei ser parecida aquela aventura, e me pus de volta, sem me exasperar. Bastava cambalear até a casa quando tivesse início em mim o efeito do veneno. Todos os ditos populares gritavam, alarmados. Calmo, sem fazer rodar muito o sangue, caminhei por onde vim.

Conforme andava na estrada um tanto plana, cansava-me rápido. Parecia que eu subia uma montanha. Lembro-me do beijo do solo em meus sapatos, do olho do céu a observar um andarilho, e de um único som fixado no ar, ritmado com o meu coração. Lembro-me

das casas da estrada, das aves no céu, da pedra na qual tropecei, alvo de intenções apaziguadas de insultos, pois não calhava crescer ira em meu peito e fazer o sangue fluir mais depressa. Vi que a estrada a frente fazia uma curva fechada, e mesmo sem lembrar do trecho, segui-a, tão sinuosa era que me botou no mesmo lugar de antes. E aí, num piscar de olhos, perdi a noção do caminho de volta.

A senhora na estrada disse-me para observar mais as árvores. Me fez buscar na memória uma imagem que obtive numa cidade grande: eu andava na rua e via todo o progresso a destruir dali a natureza restante. As plantas da avenida por onde passava gritavam desesperadas para ninguém, até que uma senhora parou e ouviu uma que, ao invés de gritar, expunha magníficas flores brancas. Não sei o que a árvore a disse, mas a senhora abriu um sorriso e a contemplou, e eu, do meu lugar, também sorri. A senhora na estrada era a senhora da avenida da metrópole. Como me encontrara?

Disse-me para olhar para as árvores, e eu a pedi para silenciar o violino que tocava agudo. Percebi que não usava roupas e que flores lhe cobriam todo o corpo. Ela me disse, “veja como eu estou linda hoje”, e eu sorri. De longe, de onde estava, vendo aquela cena da qual um outro eu fazia parte, eu também sorri. Me deu a impressão de crescerem flores no meu corpo. A lua brilhava no céu da tarde.

Sempre corri tanto contra o tempo... nunca havia percebido que, na verdade, ele estava ao meu favor, como vento a soprar as velas de um barco em direção a qualquer lugar. Isso é a morte: qualquer lugar. Que é lugar nenhum, e todos os lugares. Morrer deve ser uma espécie de pertencimento. Lembro-me de pôr as mãos na terra e de sentir sua resposta fria de acalento. A resposta que o mundo nos dá é sempre silenciosa, mas sensível. Com certeza eu vivia uma aventura inusitada.

Andava de costas em direção ao asfalto já visível, próximo, de cheiro inconfundível, cinza. Meus

passos cegos tomavam a direção da cidade, a noite empurrava o sol para além das montanhas, e o breu, vagaroso, se infiltrava nos meus sentidos. As costas voltadas à cidade, eu sabia lá se encontrar a minha salvação, um médico. Mamãe estava certa, repito. O rural é forte, magnético, mágico. De costas, percebi a vontade de permanecer. O chão seco que escurecia me incitava a seguir. Não me importava se não soubesse onde ia dar a estrada em minha frente. Em realidade, talvez esperava que não levasse a lugar algum, um vazio de terra, mato, árvores, frio e bruxas. O momento era a percepção de algo em meu corpo a se agarrar no solo, as unhas da alma estalavam ao arrebentarem o caminho que ia contra sua vontade.

Vi duas luas em duas fases diferentes me carregarem do chão para o asfalto. Falavam num idioma antigo, talvez o babilônico. Era esperado, em meu estado, todo o tipo de seres sobrenaturais. Sempre quis conversar com uma bruxa de verdade, das que voam em

vassouras e dançam nuas ao redor de uma fogueira, no frio. A senhora na estrada? O serzinho peçonhento? Que decepção quando pisquei os olhos de tanto incômodo das luzes brancas que imaginei serem o dia rompendo a noite. O tempo havia passado muito depressa. Decepção maior foi me ver deitado numa cama numa casa quadrada de tijolos e concreto, numa localidade de asfalto. O violino desceu para as cordas graves, como uma corneta de ossos, e ao fundo ouvi uma sirene de ambulância.

Na manhã seguinte, minha família feliz me viu acordar. Havia despendido muita energia no dia e na noite anteriores. Aliviado, confessei à minha mãe um grande temor de que não houvesse tempo o suficiente para extrair o veneno que o bichinho desconhecido tinha inoculado em mim, e temi por minha morte. Eles se entreolharam, encabulados. Mamãe disse, em voz baixa, como numa espécie de confissão, que nenhum bichinho havia me picado no dia anterior.

## PRECISAMOS FALAR SOBRE A AMIZADE SOCIAL

CAROLINA NASSAR GOUVÊA

Após o carnaval, inicia-se a Quaresma e, conseqüentemente, a Campanha da Fraternidade. Neste ano, a Igreja Católica propõe uma reflexão sobre a Amizade Social. Quem não tem um amigo? O dicionário traz, quando procuramos o significado de amizade, o seguinte conceito: “sentimento de grande afeição, simpatia, apreço entre pessoas ou entidades”. No entanto, a Amizade Social vai muito além daquela roda de amigos com quem nos reunimos em um fim de semana, muito além daquele pequeno círculo de pessoas que chamamos para comemorar nosso aniversário ou tomar uma cerveja. A Amizade Social, conforme propõe a Igreja, deseja que saíamos da nossa

bolha de poucos amigos e nos preocupemos com os vizinhos do nosso prédio ou com aquela pessoa que vive nas ruas. A respeito desse novo modo de olhar para a amizade, proposto pela Campanha da Fraternidade, Edebrando Cavaleri, Professor Titular de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo e Doutor em Ciências da Religião, menciona a visão do papa Francisco sobre o assunto.

“A compreensão da Amizade Social do Papa Francisco transita das relações micro às relações internacionais, pois ‘sonhamos como uma única humanidade’. Trata-se de lutar por uma unidade das nações, e da necessidade de se agir e sonhar coletivamente, com visão solidária e abertura aos interesses de TODOS”. Essa fala da autoridade má-

xima da Igreja Católica nos mostra que os interesses de ordem econômica devem se relacionar aos interesses do bem comum. Isso significa preocupar-se com moradores de rua, órfãos, doentes, desempregados, enfim, pessoas que se encontram à margem da sociedade.

Sob essa perspectiva, de nada vale, a empatia se ela for utilizada apenas com as pessoas com quem estou reunida em um fim de semana. Preciso olhar também para aqueles que estão ao meu redor, seja no prédio onde moro ou aos necessitados das ruas de minha cidade. Por que não em meu trabalho?

No período da pandemia, em São Paulo, um grupo de pessoas se dispôs a colocar em prática ações em prol dos grupos mais vulneráveis à covid-19. Algu-

mas pessoas se ofereciam para ir ao supermercado, à farmácia para quem não podia se deslocar naquele período pandêmico; outras ofereciam aulas on-line de educação financeira e momentos de meditação. Atualmente, não estamos em uma pandemia, mas o problema da dengue, por exemplo, tem se alastrado e ainda há pessoas morrendo de covid.

Em uma escola mais global, Israel, Palestina, Rússia e Ucrânia são exemplos de locais em que o conceito de amizade social se encaixaria perfeitamente, tendo em vista o sofrimento que tem tirado o sono e tirado vida da população dessas regiões. Assim, mais uma vez, a Igreja Católica traz uma tema atual e pertinente para refletirmos na Campanha da Fraternidade, afinal, falta amizade social.

## POEIRA CÓSMICA

Percebo, como dizem os poetas,  
“Que a vida passa rápido;  
Num piscar de olhos;  
Feito sopra de vento”.

Lembranças perpassam a mente,  
De caminhos árduos percorridos;  
De superações e realizações;  
De amores e paixões vivenciados.

Mas, o ciclo da vida é inevitável  
O tempo voa veloz e impiedoso;  
Seus preciosos dias remanesçam,  
para ainda realizar o essencial;

Por fim, é hora da imensa gratidão,  
para quando chegar o momento,  
Reconhecer que fui abençoado em  
Fazer parte dessa poeira cósmica.

Yoshiharu Endo

# A MUDANÇA DE LAURA

VALDO RESENDE

Olhando para o computador travado ela se sentiu mais uma vez refém de algo não solicitado, não desejado. Não era a primeira vez que Laura se sentia assim, impotente diante de forças que estão muito além do que minimamente ela poderia enfrentar. Menina, bem menina, saiu da roça onde os pais amealhavam um pedaço de terra e, chegando na casa da madrinha que oferecera cama e comida durante o período da escola, ela descobriu o rádio.

A Madrinha Elvira gostava de jornais e revistas, mas a menina ainda não sabia ler. Gostava das fotografias impressas, das capas ilustradas com desenhos coloridos de casais apaixonados. Nada se comparava ao rádio com programas musicais, noticiários, novelas. Foi uma mudança e tanto! Do som de pássaros, dos ventos balançando árvores, dos animais no curral e no chiqueiro, ela passou a ser acordada por vozes graves dizendo “bom dia!” seguidos da alegre resposta de Elvira: Bom dia!

Apesar do medo diante de tantas novidades ela se manteve forte. Era desejo dos pais que conseguiram fazê-la entender ser ne-

cessário aprender a ler, a fazer contas, a conhecer as ciências. Tudo isso poderia e deveria ser utilizado no próprio campo onde eles prometeram, e ela sonhava, um dia voltaria em definitivo. Laura só não conseguia perceber quando ocorreria tal retorno.

Viver com a madrinha era mudança “para mais de metro”, ditado que aprendeu na cidade. O leite era entregue na porta, bem cedinho e em seguida vinha o pão, quentinho. Em dias alternados passavam o verdureiro, um vendedor de doces e, vez em quando, o carteiro batia palmas no portão. Iam à igreja com frequência, à praça com coreto no final das tardes de domingo, alegradas por uma banda com muitas marchas e modinhas. Pelo menos uma vez por mês iam ao cinema e Laura jamais esqueceu a luz apagada, a tela imensa e o primeiro filme, um romance açucarado. A madrinha chorava com a história. Ela se encantava com as imagens.

Muitos anos depois, já adulta e casada, deu-se conta de que a televisão tinha provocado outros hábitos e também o telefone tivera, aos poucos, colocado o carteiro em segundo plano. Laura alimentou dúvidas sobre o bem que a tv poderia proporcionar, pois percebera

que a câmera mostrava o que os donos da emissora queriam, o ângulo que eles desejavam. Já o telefone facilitara a vida de quem tinha leitura fraca, de quem não gostava de escrever.

Por muito tempo ela permaneceu fiel ao costume de enviar cartões de aniversário, por ocasião da Páscoa e pelas festas de final de ano. Em menos de uma década novas atitudes, novos protocolos, as respostas foram escasseando e definitivamente cessando substituídas por cartões virtuais. Nem se achava cartões para comprar. Tudo estava sendo rápido demais. Tão rápido que se fazia difícil perceber o que estava sendo imposto, as necessidades que estavam sendo criadas por conta de novidades, algumas não solicitadas, como as atualizações do computador. Laura estava cansada de correr atrás das mudanças que vinham de fora.

Tudo acelerado, vertiginoso. Todo consumo vira lixo. Os diferentes discos, compactos, k-7 e cds. As fitas VHS e os DVDs, tudo rapidamente transformado em material obsoleto, ocupando espaços dentro de imóveis cada vez menores e mais caros, por isso mesmo exigindo que discos, fitas, livros se tornassem arqui-

vos invisíveis, virtuais, inúteis com o computador travado, com a ausência de energia elétrica e as baterias descarregadas.

Já quase aposentada ela resistiu bravamente às redes sociais. Assumiu a imagem de mulher fora do tempo, só usando o computador para ler, pesquisar, utilizar serviços bancários e, ao telefone, só atendendo parentes e amigos próximos. Essa postura não veio por acaso, mas em consequência de perda de documentos por ataque de vírus e outras ameaças de golpes por telefone e e-mail. E de uma ojeriza que impunha mais do que o necessário, ser preciso ter o objeto do ano. O carro novo, o último modelo de telefone. Ela via crescer uma indisposição, uma resistência ao não desejado.

Nos últimos tempos, longe do trabalho, limitou-se a um aparelho básico para o caso de receber ou fazer chamadas urgentes. Contatos restritos a parentes, amigos, um pronto-socorro e um médico de confiança. Recebendo notícias via computador, gostava de pesquisar o mesmo fato, tentando saber o que realmente acontecia e o que cada empresa de comunicação estava defendendo. A tv fechada utilizada apenas para filmes e do-

cumentários, abandonando definitivamente as novelas que a encantaram na infância.

Então já enfrentara as piores mudanças advindas da morte do marido e da única filha, vítima de uma “bala perdida”, esse eufemismo para a incapacidade humana de controle da criminalidade. Ficava sozinha, morando fora do país o único neto com quem só conversava raramente, o que ela preferia acreditar ser fruto da diferença de fusos horários. Foi quando irritada diante do computador travado que pensou no futuro, em outras possíveis e previsíveis mudanças. Decidiu ser ela a autora e protagonista da vida que sonhara; algo que poderia ser vivido no tempo que lhe restava.

Dias depois riu quando um técnico sugeriu mais memória, outro eufemismo absurdo. Resistiu à ideia de um novo computador. Utilizou a pequena capacidade que ainda restava do aparelho para pesquisar, durante algumas semanas, até encontrar algo que atendessem aos objetivos pensados e decididos. E Laura encontrou. Uma casa de repouso no campo para pessoas em idade avançada, mas ainda com capacidade e disposição para mexer com horta, jardim e, se com

vontade, a possibilidade de cuidar de galinhas, patos, porcos e outros animais domésticos.

Foi em uma segunda-feira que carregadores encontraram Laura, de pé e decidida, ao lado de duas malas modestas, apenas com roupas, uma maleta com álbuns de retrato e um caderno de lembranças. Segurava uma pequena bolsa com documentos, e o fático, mas necessário telefone celular. Os homens vieram para levar tudo, móveis e utensílios para uma instituição que ela escolhera. Viu saírem das janelas as cortinas, das paredes os quadros com paisagens e retratos familiares. Despediu-se de pequenos bibelôs, vasos com flores, o pequeno santuário e cada uma das imagens que ele abrigara.

Antes que os carregadores terminassem todo o trabalho chegou um conhecido corretor, com quem ela deixou a chave para que o imóvel pudesse ser vendido.

Saiu sem olhar para trás, um leve sorriso nos lábios. Essa mudança, a penúltima, desejada e sonhada desde menina, de volta ao campo, só seria interrompida pela mudança definitiva, fim de caminho nesse mundo, o que, certamente, não dependeria dela o dia, a hora e a forma de acontecer.

**MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS**  
Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.  
**FICA PRA OUTRA VEIZ...**

PASCOAL ANDRETA

Não é de se admirar que mesmo a geração atual tenha conhecimento de tipos populares desaparecidos há anos e que viveram em nossa cidade. Muitos ainda vivem na saudade dos monte-sionenses e suas excentricidades – esquisitices legadas, talvez, por um destino irresponsável ou, talvez, por uma segunda vida sugerida e imposta pela própria vida – perduram na lembrança de todos.

Um desses destemebelhados era o saudoso Chico Buava. Sóbrio,

era um coitado, um pedaço de pão. Mole de coração, apesar de forte, desdobrado, musculoso, era um cordeirinho de manso! Tratava a todos com respeito e solicitude e até as crianças mereciam, de sua parte, a máxima atenção. Era serviçal, comedido, cavalheiresco. Esse, o seu lado bom.

Mas, quando bebia, nem é bom falar! Era o diabo em pessoa! Valente, provocador, intolerável. Quando começava a falar, era um Deus nos acuda: não parava mais. Nem vitrola de gafeira o igualava: falava, falava e

falava. Tinha, quando em meia rédea, o hábito de passear em toda a extensão da calçada de sua residência, falando, gesticulando, provocando. De quando em quando desembestava pela porta adentro para fazer um São João com os trens da casa. Dos quatro cantos de Monte Sião se ouviam, entre o estraçalhar de loucas e os baques de móveis contra o chão, seus berros aterradores. Depois de uns tantos urros e de um bocado de exercício de arremesso, retornava ao passeio interrompido, mais falador, mais gesticulante, mais pro-

vocador. Esse, o seu outro lado: o ruim.

Somavam-se às desvantagens do lado mau do Chico outra desvantagem: ser teimoso como um burro empacador. Se dizia pau, podia ser manteiga, mas tinha que ser pau. Se fosse necessária a intervenção da polícia para acalmá-lo, dizia:

– Quem me leva pro xilindró é só o delegado Dominginho! Macaco nenhum bota a mão em mim!

Realmente. Fazia um sururu danado, armava um rolo tremendo, pintava o bode, dava murros, rasteiras, rabos-

de-arraia, empinava, corcoveava, empacava. Nenhum praça conseguia prendê-lo e tinha que recorrer ao delegado Dominginho. Este chegava e falava:

– Chico, me acompanhe.

– Pois não. Vá atrás, que eu vou na frente. Dominginho falou, Chico murchou.

Acontece, porém, que um dia o cabo Tavares saiu do sério e resolveu mostrar com quantas marteladas se amacia um bife. Quando o Chico, em uma de suas bebedeiras, viu o cabo, logo gritou:

– Só quem me leva pro

xilindró é o Dominginho!

– Pois você escolha agora – replicou o cabo, esfregando ao mesmo tempo um viçoso trinta e oito na boca do Chico.

– Ou me acompanha ou eu lhe meto meia dúzia de balas na boca! É bom escolher logo: ca-deia ou cemitério.

– Quer dizê que tô preso?

– Tá.  
– No duro?  
– No duro.  
– Sem choro?  
– Sem choro.  
– Então, tô...

– E o Dominginho?  
– É... Fica pra outra veiz...

## EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 - )

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Arioaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rieilli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gottardello, José Alacício Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genchini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memoriam), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

JAIME GOTTARDELLO

Em uma noite qualquer, quando a vida parecer sombria, o luar pode ser a música que serve como bálsamo. Que alivia e cicatriza dores. Há os que buscam encontrar o próprio caminho apenas sob a luz do luar e padecem como que enlouquecidos quando percebem o amanhecer antes de todos. Acho que Oscar Wilde descreveu algo assim. Roubei dele por-

que ele não se importa, caminhou há muito sob os luars buscando um bálsamo.

Caminhar sob a luz da lua com alguém ou alguma coisa que te faça amar vai além de qualquer crença... é um presente que a vida oferece até que tudo esteja consumado. Pode ser breve ou, quem sabe, quase eterno. Sob o teto de um luar gigante, a gente nunca quer que o sonho acabe. Quer caminhar ainda mais longe e observar o brilho

das luzes e os milhares de cores que enfeitam o céu. Parecem flores crescendo em movimento. Acho que isso roubei do Kuaia que também não vai se importar porque ele cultiva flores, caramujos e fadas há bastante tempo.

Sempre admirei as mulheres que foram louvadas em verso e prosa e canções como “luz do sol” e “rosas”. Mas sempre preferi as que sem dúvidas eram “orquídeas” e “luar”. São mistérios e sonhos.

Há momentos de abstrações e introspecção debaixo de um luar mágico que eu gostaria que fossem congelados. Como uma fotografia ou um quadro, um luar que expressaria meu amor e gratidão a tantas coisas. Um presente para enviar a todos os queridos que se foram e deixar como uma oferenda para os que vêm depois.

Então, todos eles saberiam que eu também fiquei tocado e machucado pelo que chamamos de belo.

**CASA DAS MASSAS**  
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais  
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170  
**Fone 3465-1368**  
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

**dynamise**  
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

@dynamisemanipulacao Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

# Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Março de 2024

Nº 621

## ANIVERSARIANTES DO MÊS

### Abril de 2024

Dia 1 Bruna Zucato Cétolo Adriano Ap. da Costa Joselene Faria Maria Clara R. Zucato	Dia 16 Felipe Franco Bueno Alcides Domingos Batista Dia 17 Isabela Camargo Labegalini, Henrique Comune Daldosso Maria Lúcia Gottardello Oliveira Dia 18 Rovilson Tavares da Silva Pedro Borges Figueiredo Maria de Paula Gottardello Dia 19 Brunieli Righete Bruna Mariane Lino Rafael Dias e Silva Rosana Artuso Ribeiro Dia 20 Silvana R. Pennacchi Érica Faraco Massaki Shinohara Joice Monteiro Reginato Maria Gonçalves da Silva Dia 21 Benjamim Labegalini, Paola Pennacchi Lucas Lino Charles Cétolo Katsuhiko Takahashi Dia 22 Hélida Giasiani C. Loura, Murilio Zucato de Oliveira Dia 23 Amilton Fernandes Magioli Evair Comune Maria Otília Gomes Pereira Luiz Antonio M. de Godoi
Dia 2 Giovana Gottardello Marcos V. de Godoy Silva Robson José Jaconi Dia 3 Daiane Coli de Souza Guilherme Vilela de Souza Rafael de Araújo Resende Cristina Fonseca Vilas Boas Luiz Nelzio Franco José Norberto Rodrigues Dia 4 Bruna Prado Jaconi Ana Beatriz Castro Fonseca Júlia Francisco Magioli Dia 5 Wilson Cardoso Ferreira, Douglas M. Otaviano Miranda Aline Priscila Guarini Rita Ignês Comune S. Oliveira, Dia 6 Carla Diane Dias da Silva, Luana Arnelin Pitelle Mário Sérgio Moreira Vanessa Durante Pennacchi Patrícia Beatriz Alves Maria Emília Leite Araújo Isabel Rosana Benatti Dia 7 Karina Domingues Bertolucci, Michel Zucato Dia 8 Sebastião Labegalini, Karina Gottardello Zechin, Magda Gottardello Guireli Rogério Pennacchi Dia 9 Danilo D. Pereira de Lima Marília Franco Bueno Dia 10 Alessandra M. Silva Martins, Cláudia Labegalini, Antonio Campos Freire Dia 11 Sebastião Teodoro Araújo Lilian Maria Leite Araújo Dia 12 Bernardo Oliveira Bernardi Amauri Pereira Pinto Júlia Moraes Cardoso Érica Glória Priscila Aparecida Fávero Dia 13 Cirlene Aparecida Gonçalves, Rafael Comune Rosângela Comune Lázari Mitsuo Izumi Dia 14 Marina Moraes de Oliveira André Luís Machado Pollyanna Figueiredo, Alexandre Labegalini, Marilene F. Godoi Bueno, Dia 15 José Carlos Grossi Renato Parreira Júnior Maria de L. Ribeiro Labegalini Antonio Tadeu S. Vidal	Dia 24 Francisco Carlos Bernardi, Marli S. Bueno Parreira Janaína Corsi Pascoal Norberto Comune Andressa Monteiro Felipe Labegalini Dia 25 Sebastião Gonçalo Righete Catarina Comune Daldosso Márcia de Cássia F. Godoi Thais Ribeiro Jacomassi Dia 26 Rogério Bueno Mariane de Cássia F. Godoi Carlos Roberto Monteiro Telma Labegalini Maria Ap. Moraes Souza Dia 27 Maria Marta T. Barbosa Valdirene da Costa Vitor Humberto Monteiro José Airton Zucato Dia 28 Adriana Maria Grossi Maria de Lourdes G. Moraes Malvina Gottardello Zechin Dia 29 Michele Basaglia Vilma Pilon Daldosso Ernestina Gottardello Zancheta Dia 30 Bruno Monteiro Guinesi Luiza Zucato Robert Ryan Canela Brandão.

A todos, as felicitações da Redação!

## 66 ANOS DO JORNAL "MONTE SIÃO" – A BOA NOTÍCIA!

Completando 66 anos de sua fundação, sempre oferecendo leitura agradável e suave, abordando o cotidiano por intermédio de crônicas, contos, poesias, resenhas e comentários, o "Monte Sião" reuniu seus colaboradores, todos voluntários, para se confraternizarem em mais um aniversário e renovarem as energias para mais um ano de dedicação, ocasião em que aqueles que já viajaram no tempo foram lembrados, os atuais colaboradores se reencontraram e os novos foram apresentados, submetidos aos "trotos" e incorporados aos quadros. Como diria o Ivan: Eita, nois!

## ALGUNS ESCRIVINHADORES DO "MONTE SIÃO" VIERAM DE LONGE!

Além dos nossos colaboradores de sempre, este ano vieram o Valdo Rezende, de Santos – SP, Durval Tavares e sua amável esposa Elza e Yoshiharu Endo e a esposa Lúcia Esther, da cidade de São Paulo. Ficamos deveras felizes com a presença de vocês e desde já ficam convidados para a próxima, em 2025.

## CONHEÇA OS AUTORES DE MONTE SIÃO E SUAS OBRAS

Fruto de parceria entre a Câmara Municipal de Monte Sião, a Fundação Cultural Pascoal Andreta e do pesquisador do acervo, o Espaço Literário Ivan Mariano Silva, em exposição permanente no saguão da Câmara, apresenta os autores de Monte Sião e suas obras, disponíveis para consultas no local. Trata-se de pesquisa dinâmica

que será atualizada sempre que surjam novos autores ou novas obras. Ame sua cidade, conheça seu patrimônio cultural!

## ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA MONTESSIONENSE (A.A.M.) - 40 ANOS DE UMA HISTÓRICA CONQUISTA

### CARLOS CAETANO MONTEIRO

A garotada se reuniu em confraternização na agradável chácara "TIO TINO" nas escarpas do Macaco dia 16 deste mês. Comemoraram os 40 anos da conquista do título do campeonato municipal de futebol em 1984, na época acirradíssimo. Além dos integrantes do feito, estiveram presentes três ex-presidentes, dois dos quais também participantes do grupo e o atual, Daia, que mantém o clube com seus 67 anos de plena atividade revigorada. Ausência muito sentida foi a do arregimentador, professor e exemplo permanente, mestre "Didi". Na tarde de muitos bebes e bebes, esvaiu-se com o excelente cardápio oferecido ao som de um crooner solo de bom repertório, aumentando a euforia reinante. Com a colaboração da A.A.M., a organização de Giovani Fagundes excedeu as expectativas e merece os agradecimentos de todos. O tempo não para.

### COVID 19 – FLASHBACK

Agora mais preparados do que antes e vacinados, estamos a enfrentar outro pico da covid 19 que continua a atingir perigosamente as pessoas. Ainda num mundo de dúvidas a respeito, a única coisa que temos certeza é de que a danada pega e pode matar. Portan-

to, vacina, álcool em gel e máscaras são os recursos mais próximos e disponíveis. Até quando?

### E TEM, TAMBÉM, A DENGUE

A desgraça das maravilhas de um país tropical é que diante de tanto esplendor da natureza surgem, também, as inevitáveis pragas, dentre elas os mosquitos/pernilongos transmissores de doenças. Este ano, rico em chuvas, a dengue está pegando pesado. Enquanto as pessoas morrem, é lamentável observar a falta de preparo, em todas as instâncias, das autoridades responsáveis pelo controle da praga. Só Deus na causa!

### TAMBÉM, A FEBRE MACULOSA

Transmitida pelo carrapato-estrela que tem as capivaras como hospedeiros, a febre maculosa pode ser fatal. Atualmente as capivaras estão entrando até nas casas e SÃO PROTEGIDAS POR LEI. Portanto, humanos, que não têm proteção nenhuma, cuidado com os carrapatos-estrela e não matem ou maltratem as capivaras porque haverá sempre um militante te observando. Ou febre, ou cadeia! Ave Maria!

### E, TEM OS JAVALIS... INVASÃO ESTRANGEIRA!

Há uma infestação de javalis que estão a assolar tudo o que é lavoura e aonde quer que haja alguma nascente d'água. Os "estrangeiros" javalis procriam numa quantidade tal e num tempo realmente curto que, a continuar como está, ninguém dará conta dos prejuízos. Até pouco tempo a caça ao javali, por ser exótico, era permitida, mas recentemente por pressão das militâncias as "esquerda" resolveram incorporar o poder destrutivo da espécie e proibir a caça. Agora o javali (ou a vaca) vai pro brejo!

## Fragmentos - 34

### ARIOVALDO GUIRELI

**1** - Luigi Zoja, autor e ensaísta italiano, psicanalista junguiano e licenciado em Economia. Tem pesquisas em História e Sociologia. Leonardo Boff fundamental em todos os segmentos teológicos latino-americanos, renomado escritor e pensador brasileiro. Ambos conversaram de forma inquieta e persistente. Transcrevo Boff respondendo:- (...) 'Para Francisco (grifo meu:- de Assis) a pobreza era um ato de solidariedade, de amor e partilha com os pobres, não um valor em si. Creio que este é o desafio para a sociedade futura: um estilo de vida mais sóbrio, mais simples e mais solidário, para permitir a todos levarem uma vida digna neste planeta. Infelizmente não são esses os discursos que se ouvem nos gabinetes da política nem – que pena! – nas igrejas. Para caracterizar bem nossa era, que conheceu o impacto da atuação da espécie humana sobre os ecossistemas, o biólogo norte-americano Eugene Stoermer cunhou nos anos 1980 o termo antropoceno, mais tarde divulgado pelo prêmio Nobel de Química Paul Crutzen. Ele não define em sentido estrito e preciso uma era geológica, mas um período que começa, segundo muitos cientistas, a partir da Revolução Industrial. Edward

O. Wilson, o biólogo que criou a palavra biodiversidade, também usa esse conceito para explicar que o ser humano é a única forma de vida que se transformou em uma força destruidora. Nem a religião, nem a ética, nem a cultura foram capazes de conter seus efeitos'

**2** - Devemos retornar às fontes espirituais de fundo, que estão nas raízes de todas as culturas, para aprendermos a nos importar humanamente em relação aos outros e ao meio ambiente. Não sei se temos tempo suficiente e sabedoria para fazê-lo. Todo ano desaparecem milhares de espécies. Uma verdadeira devastação!

**3** - Somos lobo e cordeiro, eis o sinal distintivo do ser humano. Na oração (de São Francisco) ele pede (em dualidade):- ' Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz. Onde houver ódio, que eu leve o amor. Onde houver ofensa, que eu leve o perdão. Onde houver discórdia, que eu leve a união'. Bela maneira de prestar a atenção à parte obscura, sem negá-la.

**4** - Eram carteiros. Numa Monte Sião pequena e acahnada. Nos idos de 1960. Hermínio Comune pequeno, de fala pouca, andar sonolento. Em

cada casa apenas um som simples e seco:- 'Carteiro!' Entregava a missiva e entre dentes dizia um boa tarde, se assim fosse. E ru-mava casa outra. Benedito Carvalho (Ditão) alto, forte, falava pelos cotovelos, torcedor fanático do Santos (de Pelé), quase que gritava quando chegava em algum endereço para entregar a carta, telegrama... os dois compunham um cenário que hoje não existe mais. E que fora cheinho de histórias em cada entrega de despedidas, segredos, compromissos, desafios, esperanças, tristezas...

**5** - Como se destrói uma comunidade e como nos separamos uns dos outros? Quando o capitalismo descarrega sua ira, seu amargor e sua ânsia para buscar a construção do ter e querer se manter no patamar que conseguiu (a qualquer preço) chegar!

**6** - Leia. 'O Tao da Libertação' de Mark Hathaway e Leonardo Boff. Editora Vozes.

**7** - Este fragmento foi alicerçado pela educadora Adalgisa Chantal Canela que ensinava educação e fraternidade.

**8** - Beijos gerais.

**ACM** ADRIANO - CHARLES - MAURICE  
CONTABILIDADE  
(35) 3465-1635  
3465-4404  
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

**Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise**  
Bioquímico: Ferdinando Righetto  
● **Teste do Pezinho ampliado**  
● **Credenciamento com os Laboratórios:**  
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)  
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)  
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

**PORCELANA MONTE SIÃO**  
BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP  
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.  
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil  
AGRADECEMOS SUA VISITA  
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

Nossos avós já compravam na  
**Loja do Plácido**  
A mais antiga da cidade - Desde 1922  
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO  
Rua Presidente Tancredo Neves, 194  
Fone: 3465-1144

A melhor internet do  
Circuito das Águas Paulistas  
**TELESON**  
TELECOM  
Águas de Lindoia: (19) 3824-3671  
Monte Sião: (35) 3465-4963  
WhatsApp: (19) 99773-1001

**Sebo do Ismael**  
Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,  
Aparelhos eletrônicos, Antiquário  
Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP  
Telefone: (19) 3824-1507  
WhatsApp: (19) 99343-9180